



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM – UAENFE
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

SAMARA RAQUEL DE SOUSA ROCHA

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: DESAFIOS NO
CAMPO DA ENFERMAGEM**

**CUITÉ- PB
2022**

SAMARA RAQUEL DE SOUSA ROCHA

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: DESAFIOS NO
CAMPO DA ENFERMAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (CES/UFCG), como requisito obrigatório à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Profa. Dra. Alynne Mendonça Saraiva Nagashima

R672r Rocha, Samara Raquel de Sousa.

Relações de gênero na formação profissional: desafios no campo da enfermagem. / Samara Raquel de Sousa Rocha. - Cuité, 2022.

35 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, 2022.

"Orientação: Profa. Dra. Alynne Mendonça Saraiva Nagashima".

Referências.

1. Enfermagem. 2. Enfermagem - formação profissional. 3. Enfermagem - gênero - desigualdade. 4. Binarismo. 5. Bropriating. 6. Hipersexualização - corpo feminino. 7. Educação universitária - diversidade. 8. Relação de gênero - desconstrução. I. Nagashima, Alynne Mendonça Saraiva. II. Título.

CDU 616-083(043)

SAMARA RAQUEL DE SOUSA ROCHA

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: DESAFIOS NO
CAMPO DA ENFERMAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela aluna Samara Raquel de Sousa Rocha, do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande (Campus Cuité), tendo obtido o conceito de _____, conforme a apreciação da banca examinadora constituída pelos professores:

Banca examinadora:

Profa. Dra. Alynne Mendonça Saraiva Nagashima
Orientadora – UFCG

Profa. Dra. Gigliola Marcos Bernardo de Lima
Membro – UFCG

Prof. Dr. Jeferson Barbosa Silva
Membro – UNIPÊ

Dedico essa conquista aos meus pais que me ensinam todos os dias as mais importantes lições de vida. Obrigada por serem meu alicerce.

A vocês, meu maior amor!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, por em Sua infinita bondade e misericórdia, ter me proporcionado o suporte ideal para alcançar esse sonho, me sustentando com Seu amor, Sua proteção e Sua força em todos os obstáculos que constituíram essa jornada.

À minha querida avó materna, Zilda Pereira, minha eterna gratidão. Sua bondade e seu amor, presentes diariamente desde quando nasci, foi fonte inesgotável de força para que eu não desistisse. Que privilégio o meu, tê-la comigo em mais uma conquista.

Aos meus amados pais, Rosa Pereira e Pedro Rocha, que mesmo diante de todas as dificuldades, me apoiaram e seguraram minha mão durante toda essa trajetória. Sei o quanto abdicaram de si para que pudéssemos viver esse momento, as noites de sono, as preocupações... Agradeço a cada noite de joelho no chão em oração para que tudo corresse bem.

À minha irmã Sara Rocha, por dividir as batalhas e pela vida inteira de apoio e companheirismo. Estendendo o agradecimento a toda minha família materna e paterna por toda a ajuda nas adversidades que surgiram.

A todos os meus amigos que Cuité me presenteou, e que fizeram parte do meu crescimento e tornaram a jornada mais leve, em especial, à Luzianne, minha irmã de alma, que compartilhou tantos momentos comigo... te levarei para sempre no coração. Agradeço ainda ao meu amigo Edson pelas gargalhadas, apoio e prontidão a me ajudar.

Aos meus amigos de Pombal, em especial a Ana Letícia, agradeço por se fazerem presentes mesmo estando longe, obrigada pelo incentivo e por vibrarem minhas vitórias comigo. A lealdade de vocês é um presente na minha vida.

À Mauro Lira, obrigada pelo seu apoio, pela parceria sincera, pelo dom de me acalmar nos momentos de ansiedade e por sempre acreditar em mim. Você se fez presente na realização dessa conquista.

À minha orientadora, Alynne, uma grande professora, a quem devo minha gratidão por ter me orientado e me acompanhado na construção desse trabalho. Obrigada pelos conhecimentos compartilhados, pela paciência e pelos incentivos.

À minha banca examinadora, por terem aceitado participar e contribuir através de considerações para o enriquecimento deste trabalho, estendendo os agradecimentos também aos estudantes que se dispuseram a fazer parte dessa pesquisa.

À Universidade Federal de Campina Grande - campus Cuité, pela rica oportunidade de concluir esse curso. A todos os professores que tive o prazer de aprender e me serviram como fonte de inspiração, como também a cidade de Cuité pelo acolhimento e por tudo que me permitiu viver.

E por fim, agradeço a todos que, de forma direta e indireta, me ajudaram e contribuíram para essa conquista.

Gratidão a todos!

*“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,
humanamente diferentes e totalmente livres.”*

Rosa Luxemburgo

RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: DESAFIOS NO CAMPO DA ENFERMAGEM

Samara Raquel de Sousa Rocha¹
Alyne Mendonça Saraiva Nagashima²

RESUMO

As relações de gênero são construídas em sociedade, onde culturalmente são definidos os papéis e funções relativos aos gêneros. Embora as sociedades estejam em constantes transformações, ainda é possível observar que muitas dessas atribuições vinculadas ao masculino e ao feminino persistem até os dias atuais, influenciando o saber-fazer das profissões. O ambiente universitário como lugar de formação de pessoas se torna importante para reforçar o debate e desconstruir esses papéis vinculados ao binarismo. Objetiva-se com a pesquisa, compreender a concepção dos estudantes de enfermagem sobre a relação entre gênero e formação profissional. A pesquisa possui abordagem qualitativa do tipo descritiva e exploratória realizada em uma instituição pública de ensino superior do interior de um município do estado da Paraíba-Brasil com 16 estudantes universitários. Os dados foram obtidos por meio de um roteiro semiestruturado e analisados pela Análise de Conteúdo de Bardin. Foi observado que a construção de gênero influencia na formação profissional do Curso de Enfermagem, de modo que a mesma possui um estereótipo de profissão feminina, sendo desvalorizada em detrimento às outras profissões devido à feminização do trabalho na sociedade. A divisão sexual do trabalho, as desigualdades de gênero e situações de violência como o fenômeno *Bropriating* e a hiperssexualização do corpo feminino foram evidenciados nas falas dos estudantes, além de destacarem os desafios institucionais e a fragilidade dos docentes na desconstrução das relações de gênero durante a graduação. O estudo evidencia uma situação de desigualdade entre os gêneros enfatizada pelos graduandos de enfermagem, sinalizando para a necessidade de rearranjo institucional, e sensibilização dos docentes e comunidade acadêmica, para a oferta de uma educação inclusiva, igualitária, pautada na diversidade.

Descritores: Desigualdade de gênero; Enfermagem; Universidade.

¹ Discente do Curso de Bacharelado em Enfermagem, Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande – Cuité (PB), Brasil. E-mail: samararaquel308@gmail.com.

² Orientadora. Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto do Curso de Bacharelado em Enfermagem, Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande – Cuité (PB), Brasil. E-mail: alynne.mendonca@professor.ufcg.edu.br.

GENDER RELATIONS IN PROFESSIONAL TRAINING: CHALLENGES IN THE NURSING FIELD

Samara Raquel de Sousa Rocha
Alyne Mendonça Saraiva Nagashima

ABSTRACT

Gender relations are built in society, where roles and functions related to genders are culturally defined. Although societies are in constant transformation, it is still possible to observe that many of these attributions linked to men and women persist to this day, influencing the know-how of the professions. The university environment, as a place where people are trained, becomes important to reinforce the debate and deconstruct these roles linked to binarism. This research aims to understand the conception of nursing students about the relationship between gender and professional training. The research has a qualitative descriptive and exploratory approach carried out in a public institution of higher education in the countryside of a city in the state of Paraíba-Brazil with 16 undergraduate students. The data were obtained through a semi-structured script and analyzed by Bardin's Content Analysis. It was observed that the gender construction influences the professional training in the Nursing Course, so that it has a stereotype of female profession, being devalued in detriment to other professions due to the feminization of work in society. The sexual division of labor, gender inequalities and situations of violence such as the Bropriating phenomenon and the hypersexualization of the female body were evidenced in the students' speeches, in addition to highlighting the institutional challenges and the teachers' fragility in the deconstruction of gender relations during graduation. The study shows a situation of gender inequality emphasized by undergraduate nursing students, signaling the need for institutional rearrangement and awareness of teachers and the academic community to offer an inclusive, egalitarian education based on diversity.

Descriptors: Gender Inequality; Nursing; University.

INTRODUÇÃO

A Enfermagem consolidou-se através de grandes mulheres percussoras e ainda hoje é considerada uma profissão majoritariamente feminina. O cuidado foi relacionado a características empáticas, sensíveis, atenciosas e submissas, que são facilmente atribuídas e naturalizadas às mulheres, proporcionando, assim, uma divisão sexual do trabalho na profissão (CLEARLY et al., 2019; SOUSA, GUEDES, 2016).

Essa imagem estereotipada da enfermagem interfere na posição que homens e mulheres ocupam dentro da profissão, como também no âmbito do cuidado, pois ao existir uma divisão sexual, outros gêneros passam a não se encaixar no exercício da ocupação, isso se torna uma grande desvantagem profissional e no desenvolvimento da enfermagem, visto que acabam por perder jovens com habilidades fundamentais diversas (CARLSSON, 2020; CLEARLY et al, 2019).

A prova dessa dificuldade de inclusão dos homens está no número de profissionais de enfermagem. Segundo o Conselho Federal de Enfermagem-COFEN (2015) o público feminino compõe cerca de 80% dos enfermeiros no Brasil. A explicação para esse fato se dá pelos preconceitos de se estabelecer em uma profissão, considerada força de trabalho feminina, e isso acontece desde as vivências universitárias, onde há estudos que confirmam a associação do homem, que frequenta o curso, à homossexualidade e a dificuldade de se estabelecer nas práticas das disciplinas feminizadas durante a graduação (MAURÍCIO; MARCOLAN, 2016).

Por outro lado, essa divisão de gênero existente na enfermagem contribui também para uma divisão de poder, por mais que os homens sejam minoria na profissão, são eles quem comumente são promovidos para os cargos de liderança e destaque, e por consequência disso são mais bem pagos do que as colegas mulheres, para essas últimas destinam-se as atividades mais manuais e técnicas (SOUZA, PERES, ARAÚJO, 2015).

Embora a Enfermagem ainda tenha uma representação majoritária de mulheres, isso não significa que não existam dificuldades ou desigualdades de gênero. Essas mesmas mulheres já trazem em suas vivências uma história e cultura de submissão, em que são subjugadas por outros (isso inclui também outras profissões) por serem consideradas menos fortes e menos capazes em diversos aspectos na sociedade, isso influencia diretamente no alcance de mudanças e melhorias (CLEARLY et al, 2019).

A universidade como lugar de socialização e formação de profissionais e cidadãos, não deveriam perpetuar estereótipos na formação de seus discentes e sim desestruturar construções errôneas estabelecidas em sociedade, discutindo as relações de gênero,

valorizando a diversidade e assim, desfazendo as divisões sexuais que fazem parte das profissões (ALVES; SILVA, 2016).

Nessa perspectiva, estudar a relação entre gênero, profissão e ensino, mostra-se relevante para o meio científico ao compreender e discutir como a Enfermagem, enquanto profissão se estabeleceu e ainda estabelece na perspectiva de gênero e como isso influencia no processo de formação de novos profissionais da área. Desse modo surgiram os seguintes questionamentos: Qual a percepção dos estudantes sobre as relações de gênero e a prática profissional na Enfermagem? Quais as dificuldades encontradas pelos estudantes de enfermagem durante a formação profissional com relação ao gênero?

O objetivo primário desta pesquisa visa compreender a concepção dos estudantes de enfermagem sobre a relação entre gênero e formação profissional. Como objetivos secundários tem-se: conhecer a concepção dos estudantes sobre a relação de gênero e o processo de formação teórico-prático do curso de Enfermagem e identificar os obstáculos encontrados pelos estudantes de enfermagem durante a formação profissional sob a perspectiva de gênero.

METODOLOGIA

Pesquisa com abordagem qualitativa do tipo descritiva e exploratória. A abordagem qualitativa não se mostra interessada em números grandes de dados, mantendo seu enfoque principal nas reações e percepções do público entrevistado com relação às hipóteses que foram criadas. Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo interpretar, observar e compreender os fenômenos em questão, como também o seu significado, trabalhando com a indução de supostos cenários em que os resultados são incertos até que se conclua a observação completa dos dados (RIBEIRO, 2017; NEVES, 2015).

Os dados dessa abordagem são descritivos e, como o próprio nome deduz, buscam descrever o máximo possível as características dos fatos estudados, sendo assim, o pesquisador que desenvolve a pesquisa qualitativa, mantém contato direto com o objeto de estudo e o ambiente em que se encontra, realizando um trabalho de campo intensivo (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Seguindo a mesma ideia, a tipologia do estudo trata-se de uma pesquisa exploratória que tem como objetivo proporcionar maior número de informações sobre o assunto que se pretende investigar, contribuindo para sua definição, delimitando o seu campo de trabalho, observando às condições e formulando as hipóteses (SEVERINO, 2017).

A população do estudo foi composta por estudantes do curso de enfermagem de uma instituição pública de ensino superior do interior de um município do estado da Paraíba-Brasil. Foram incluídos aqueles maiores de 18 anos com matrícula ativa no curso de graduação, incluindo ambos os sexos e excluídos aqueles que tivessem efetuado trancamento do curso ou estavam de licença saúde ou maternidade no momento da pesquisa.

A seleção dos participantes da pesquisa foi realizada por meio de sorteio, a partir do acesso a lista de estudantes de cada período do curso obtida por meio da coordenação de enfermagem da instituição, sendo selecionados um discente do sexo feminino e um do sexo masculino do 2º ao 9º período do curso. Essa particularidade é explicada porque no primeiro período esses alunos ainda estão em processo de adaptação e reconhecimento, já os alunos que compõem o último período estão nos trâmites finais dos estágios obrigatórios sendo mais difíceis de serem localizados, visto que durante essa fase final, os mesmos se deslocam para outra cidade que oferece um hospital de maior porte.

A coleta de dados aconteceu entre abril e maio de 2021, somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética (Parecer nº 4.629.358), em datas e horários previamente agendados e conforme a disponibilidade de cada participante que foram acertados através de contato via e-mail ou por meio telefônico. Devido às medidas restritivas de distanciamento social destinada ao enfrentamento da pandemia da COVID-19, a pesquisa foi realizada a partir de um roteiro de perguntas semiestruturadas realizado através de chamada de vídeo por meio de um aplicativo de videoconferência, sendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) anexado em formato de formulário online de aplicativo de gerenciamento de pesquisas e enviado para o e-mail pessoal de cada participante. As perguntas direcionadas aos participantes foram voltadas para os objetivos da pesquisa com a finalidade de analisar as respostas obtidas e formular a discussão sobre as relações de gênero na enfermagem.

Os resultados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin que propõe uma interpretação aprofundada das mensagens obtidas além do discurso aparente, se organizando em três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A primeira etapa consiste na “leitura flutuante” do material coletado, construindo as ideias norteadoras e selecionando as falas dos entrevistados com base no interesse do pesquisador. A segunda etapa trata-se da exploração do material e é nesse momento que vai ocorrer a escolha de unidades de registro, seleção de regras de contagem e das categorias, sendo determinados os temas que serão investigados. A última etapa se dá

através da interpretação das mensagens definindo as interferências buscando o que está oculto no texto e o seu significado real (BARDIN, 2012).

Para melhor organização, apresentação e compreensão dos resultados, estes foram estruturados em duas categorias: I- *Construção de Feminilidades e Masculinidades: um olhar voltado para a profissão de enfermagem*; II- *Construções de gênero na universidade: perspectivas de estudantes de enfermagem*, obtidas através da categorização das falas e separação das unidades de registro.

Vale ressaltar que todo o desenvolvimento deste estudo foi norteado pela Resolução nº 466/2012 e as informações coletadas durante a entrevista são de uso exclusivo do responsável pela pesquisa, sendo utilizados apenas para fins do estudo, preservando o anonimato dos dados e dos entrevistados que participaram, garantindo o sigilo e a privacidade dos mesmos, para isso cada discente do sexo masculino foi identificado com a letra E (estudante) seguida da letra M (masculino) ou F (feminino) e numeração correspondente a ordem das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na caracterização da amostra, a pesquisa foi composta por 16 estudantes de enfermagem, sendo 50% do sexo masculino e 50% sexo feminino. Os entrevistados se concentraram na faixa etária entre 19 e 24 anos totalizando 87,5%, seguido de 12,5% nas faixas entre 25 e 30 anos, sendo a média de idade correspondente a 22,63 anos. A maioria advinha do estado do Rio Grande do Norte (43,8%), seguido do estado da Paraíba (37,5%) e a minoria eram de outros estados (18,7%).

Categoria I: Construção de Feminilidades e Masculinidades: um olhar voltado para a profissão de enfermagem.

Observou-se que a maioria dos participantes quando questionados se existe relação entre gênero e a enfermagem, se remetiam a respostas ligadas a construção de gênero na sociedade e a sua influência na profissão, argumentando de forma semelhante, como mostra os recortes abaixo:

“A área do cuidar antigamente era vista predominantemente [...] pra mulheres [...] Elas vinham ao mundo para cuidar [...] da família, cuidar dos filhos e o homem para os trabalhos mais [...] e esse fato do cuidar vir desses tempos mais antigos vai se desencadeando ainda até hoje, esse preconceito antigo.” (EM7)

“A enfermagem tem como uma das precursoras uma mulher que foi Florence, tem também entrelaçada a questão da enfermagem ao cuidado, o cuidado propriamente é associado à figura feminina, a gente observa isso até dentro do nosso domicílio, que o cuidado geralmente é determinado a mulher, para mãe e não para o pai. [...]”
(EM3)

“A gente é tão estigmatizada sempre em ter que cuidar de tudo, que a nossa profissão por ser de cuidar é estigmatizada, é muito do ser do sexo feminino a questão do cuidar do outro.” **(EF2)**

“A enfermagem é composta, mais pelo sexo feminino [...] e a nossa profissão, eu acredito, que o fato de não ser reconhecida, infelizmente é por ser composta por mulheres.” **(EF6)**

Corroborando o que consta na fala do EM7, Bezerra e Ferreira (2017) traz que desde os tempos antigos, a sociedade divide qual papel do feminino e do masculino. Nessa divisão a mulher ocupa um espaço de submissão ao homem, exercendo função de cuidado referente ao lar, ao marido e aos filhos, sendo essa prática aprendida e reforçada desde a infância, nas brincadeiras infantis. Toda essa domesticação gera uma atmosfera de desigualdade que se estabelece com o passar dos anos e perdura até os dias de hoje, sendo consolidada por uma cultura patriarcal historicamente estabelecida na comunidade.

A tradição social implicava em mulheres responsáveis pelo cuidado do lar, família e marido, sem remuneração e direitos, enquanto ao homem cabia o poder de decisões políticas, religiosas, sociais e culturais, situação essa que era legitimada pelas leis (AZEVEDO; SOUSA, 2019; CATANI; SILVA, 2017).

É nesse contexto que a enfermagem começa a surgir, alicerçada na ideia de que a mulher teria as condições naturais necessárias para exercer o cuidado com maestria, por meio das características do zelo, carinho e docilidade que fazem parte dos estereótipos existente em nosso meio, surgindo a ideia de uma profissão sempre associada à figura feminina, corroborando com as falas do EM3 e do EF2 (COSTA; FREITAS; HAGOPIAN, 2017).

Segundo Lombardi e Campos (2018) a enfermagem faz parte de uma rara exceção mundial onde as teorias e bases profissionais foram criadas na sua grande maioria por mulheres que hoje são reconhecidas como pioneiras da ciência do cuidar, tendo como principal elemento Florence Nightingale, entre tantas outras ao longo da história e assim como Costa, Freitas e Hagopian (2017) trazem, a enfermagem se estabelece como uma

profissão digna, aberta para as mulheres, proporcionando remuneração salarial e independência financeira.

Ainda assim, corroborando com a fala do EF6, Gugel, Duarte e Lima (2020) abordam que por todo contexto histórico onde o cuidado é atribuição da mulher e sendo este a principal fonte da enfermagem, acabou-se por gerar a desvalorização e invisibilidade da profissão, visto que infelizmente a sociedade acaba por desvalorizar o trabalho feminino por questões de gênero pré-estabelecidas historicamente.

Subcategoria I.I: Divisão sexual do trabalho e desigualdades de gênero.

Essa subcategoria está relacionada às respostas dos entrevistados que evidencia a desigualdade de gênero na sociedade e no trabalho, percebendo-se nas falas a desvalorização e as desigualdades de gênero.

“Os relatos [...] dos meninos em relação a sofrer preconceito por ter escolhido essa área de atuação, como se isso diminuísse a masculinidade deles.” (EF16)

“[...] Ter um homem dentro da equipe de enfermagem se torna mais fácil [...] O homem [...] é uma pessoa mais viril, ele tem mais força em relação a mulher.” (EM5)

“Porque eu sou homem hétero eu sou privilegiado, [...] mas a gente vê algumas situações de eu estar me colocando na situação de fala em que não sou afetado por quase nenhuma situação de preconceito. Então, acho que é mais a questão de conseguir construir uma segurança para as outras pessoas, com os próprios usuários da Saúde de se sentirem à vontade mesmo.” (EM13)

“Eu acho que quando a gente parte para a área administrativa, a gente tem um pouco de preconceito que gira em torno da gente ser mulher, de não ter capacidade administrativa suficiente [...] nunca é fácil pra gente, nunca é fácil na verdade [...] Pra gente tudo é mais difícil.” (EF16)

No âmbito da Enfermagem, por ser considerada uma profissão feminina, muitos homens acabam por encontrar dificuldades ao escolher ingressar por esse caminho, como retrata a primeira fala do EF16, sendo muitas vezes discriminados, principalmente por outros homens, e questionados sobre a sua orientação sexual por não seguir a hegemonia presente na

sociedade, deixando de optar pelas carreiras tidas como masculinizadas (CUNHA; SOUSA, 2016).

Ainda assim, a inserção do homem na enfermagem se deu por meio de cargos de direção e chefia, como também, os cargos de especialidades que exigem maior esforço físico, sendo valorizado pelas características de racionalidade, virilidade e força consideradas inerentes ao ser masculino (SOUSA et al., 2014). Essa conformação pode ser identificada na fala do EM5, onde ele se coloca em posição com atributos que o tornam superior a mulher e destaca a facilidade que a presença do homem pode proporcionar na equipe de enfermagem, sendo explicada pela cultura machista enraizada, em que o homem é considerado superior à mulher, seja na capacidade física ou intelectual (PEREIRA; LIMA, 2017).

A fala do estudante EM13 traz o reconhecimento de privilégios concedidos ao homem, porém ao mesmo tempo ele reforça essa condição de possuir tais benefícios quando estabelece que a dificuldade trata-se apenas de construir uma relação de confiança com usuários dos serviços de saúde, deixando de ter uma reflexão aprofundada sobre a desigualdade entre os gêneros. Silva, Ames e Giordani (2020) corroboram essa ideia ao conduzir seu estudo, em que ao questionar sobre as relações de gênero, os homens costumam ser diretos e menos discursivos, tendo uma pequena percepção e reflexão sobre as desigualdades.

Essa posição de privilégio é causada pela heteronormatividade que faz com que o homem seja hipervalorizado e colocado em uma posição de superioridade em relação à mulher, sendo privilegiados como reconhece o EM13, recebendo características consideradas as mais importantes, enquanto as mulheres são rotuladas como incapazes e frágeis, deixando de terem sua importância reconhecida (CATANI; SILVA, 2017).

Isso acontece através de um processo chamado feminização da profissão, que explica que apesar da inserção da mulher no meio de trabalho ainda não existe a devida valorização da mão de obra das mulheres. Yannoulas (2011) explica que o ingresso massivo de mulheres no mercado de trabalho foi acompanhado pela baixa remuneração e pouco prestígio social.

Segundo Dias (2018) existe também uma inferiorização de trabalhos realizados em sua maioria por mulheres, como é o caso da enfermagem, onde há a relação entre o capitalismo e o patriarcado, em que a mulher tem a permissão de executar mão de obra, antes não permitida, apropriada pelo capitalismo, através de baixos salários e ausência de reconhecimento.

Essa falta de valorização resulta em baixa empregabilidade para as mulheres ou até mesmo em dificuldades das mulheres se estabelecerem nos níveis hierárquicos das organizações, deixando de ocupar os cargos administrativos, como coloca o EF16, ou até

mesmo encontrando resistências de permanecerem nestes, devido à dificuldade de obter legitimação da sua fala (CERIBELLI; ROCHA; PEREIRA, 2017).

Corroborando as ideias colocadas anteriormente, o estudo de Ribeiro et al. (2021) ao entrevistar a população atendida pela Atenção Básica de Duque de Caxias, constata que a maioria demonstrava apreensão quando se refere ao trabalho da enfermeira em atividades administrativas e embora soubessem do conhecimento técnico e científico que as profissionais detinham, consideravam que as mesmas não estariam aptas para cargos de direção dos serviços. Percebe-se então, que embora a mulher tenha alcançado avanços e se capacite em sua área de conhecimento, ainda existe uma visão na sociedade carregada de julgamentos e preconceitos quanto à capacidade e competência profissional das mesmas.

Outras falas evidenciaram, além das desigualdades de gênero, a produção de violências, destacando entre elas a erotização da profissão.

“Procedimentos que requerem que o paciente esteja em nudez [...] eu acho que os pacientes ainda confundem um pouco né?! A enfermeira tá ali, enfermeira bonita, enfermeira gostosa, essas coisas [...] Eu acho que são os obstáculos, são situações de assédio.” (EF10)

“Eu acredito que a mulher não tem tanta credibilidade [...] tem um pouco de dificuldade de se impor, de ser levada a sério. Dentro da minha vivência [...] já presenciei a enfermeira dizer uma coisa e o médico dizer outra e aquilo que a enfermeira falou está correto, mas foi levado em conta que o homem falou. Acho que até pelo fato dele ser médico, mas também pela figura masculina nessa posição que naturalmente existe, culturalmente existe.” (EF8)

“[...] eu imaginaria que alguns problemas que eu poderia enfrentar no meu estágio ou algum trabalho seria a questão de assédio, receber menos por causa disso, mas como eu sou homem eu não me preocupo muito com isso não, porque eu sei que isso não vai acontecer [...] por ser homem [...] eu não me preocupo com essas coisas sobre gênero [...].” (EM9)

O corpo da mulher é alvo de uma hiperssexualização constante, nas mídias, nas artes, fotografias, no cinema, nas propagandas, sendo retratadas sempre sob o olhar masculino (ABREU, 2015). A enfermagem por ser composta em sua maioria pelo gênero feminino, acaba por ser submetida a situações de violência devido ao imaginário popular de erotização

do corpo, construindo estereótipos relacionados à figura profissional que, muitas vezes, desencadeiam situações de assédio e objetificação, prejudicando a relação do paciente com o profissional, justamente por essa visão distorcida, como destaca a fala do EF10 (COLPO; CAMARGO; MATTOS, 2006).

Constantemente a mídia colabora para esse imaginário popular. Recentemente, em nota, o Conselho Federal de Enfermagem - COFEN se manifestou contra uma atriz que compartilhou uma foto usando uma fantasia de “enfermeira sexy”, na qual contribui diretamente para a erotização da profissão. O COFEN denominou a atitude como um desserviço às mulheres, destacando que a conotação sexual é inaceitável, visto que o Brasil é um país altamente machista e violento com as mulheres. Além disso, traz que 85% dos profissionais da enfermagem são do sexo feminino e quase todas já sofreram algum tipo de assédio, tornando a atitude ainda mais infeliz, visto que colabora para uma visão errônea e desrespeitosa da profissão (COFEN, 2021).

Outra situação de violência, enfatizada pela fala do EF8, trata da subordinação da enfermagem à medicina, em que mesmo possuindo conhecimento e capacidade para tomada de decisões, a enfermagem fica submetida à decisão do médico, tendo sua fala desvalorizada nesse contexto. Estudos evidenciam que esse conflito se mostra real no dia-a-dia de trabalho como uma espécie de competição profissional (PEREIRA; OLIVEIRA, 2018). Porém, vale destacar que entre as profissões da área de saúde, a Medicina detém o poder sobre as outras, fato este que é reforçado pelo ato médico.

Para além desse fato, também se pode perceber na fala do EF8 a presença da linguagem sexista muito presente no cotidiano da vida das mulheres e que acontece de forma banalizada na sociedade, por meio de comportamentos machistas que se perpetuam de forma silenciosa. O fenômeno evidenciado chama-se *Bropriating* e trata-se de um termo em inglês para definir situações nas quais a mulher expõe sua ideia e não é ouvida, mas o homem se apropria dessa ideia e assume a palavra, repetindo exatamente o que foi dito, sendo ouvido e parabenizado por isso, desconsiderando o protagonismo da mulher e anulando a legitimidade da sua fala (STOCKER; DALMASO, 2016).

Por fim, apesar dos avanços alcançados até os dias de hoje ainda se perpetuam as desigualdades e as violências atreladas ao gênero. Segundo Siqueira e Samparo (2017) ainda existem a diferença salarial, a discriminação e a falta de proteção do trabalho para as mulheres o que fere o direito à igualdade e atua como uma violação à dignidade da pessoa.

Essa situação é exposta pelo EM9, mas pode-se perceber a falta de conhecimento sobre a importância da luta pela igualdade de gênero como uma necessidade histórica, que

busca o reconhecimento dos direitos para mulheres, denotando a urgência de discussão e problematização das desigualdades de gênero dentro da universidade, para que pensamentos como esses não se perpetuem no futuro.

Categoria II: Construções de gênero na universidade: perspectivas de estudantes de enfermagem.

Nas falas retratadas é possível observar que a maioria refere um cenário de pouca discussão de gênero na universidade, perpetuando as desigualdades:

“Hoje, enquanto graduando, a gente identifica o problema, mas não consegue quebrar [...] não temos orientação dos próprios professores [...].” (EM3)

“Minha turma sempre teve poucos homens e tinha um homem que [...] o professor da disciplina colocava [...] sempre como preferido da turma [...] quando uma menina falava uma coisa e ele falava a mesma coisa com palavras diferentes, era o que ele falava que era aceito.” (EF4)

“[...] tem muita gente que ainda passa pela graduação assim com bastante dúvida e bastante preconceito também”. (EF2).

“Acho que as pessoas não discutem isso a nível acadêmico, essas discussões são mais pontuais [...] a gente vê isso (desigualdades) saindo das paredes da Universidade, chegando nos campos de trabalho [...]chegando a níveis dos nossos representantes maiores [...]então eu acho que isso não é discutido na graduação e acaba indo para toda a nossa realidade enquanto enfermagem.” (EF4)

“Eu acho que o aluno do sexo masculino ele acaba perdendo [...] E a pessoa que está recebendo cuidado vai criando mais obstáculos ainda e a universidade meio que ela respeita ‘Ah porque é homem deixa ela, é direito dela’, mas assim não tenta aprofundar.” (EF10).

As falas acima retratam um cenário preocupante, isso porque a universidade como local de transformação social, deveria estar sendo um ambiente de discussão, orientação e desconstrução de estereótipos. Porém isso pode ser explicado pelo estudo de Lima (2017) que traz que ao pensar na universidade como instituição social, ela costuma reproduzir o modelo patriarcal e rígido de ideias que prevalece na sociedade.

Os discursos do EM3 e EF2 retratam uma realidade que infelizmente ainda é comum. O estudo de Alves, Silva (2016) feito também em uma universidade federal, mostra resultados semelhantes, onde os currículos dos alunos ainda se mostram ausentes de debates sobre gênero e sexualidade, reforçando, de forma explícita ou implícita, ao mesmo tempo, os padrões de gênero existentes fazendo com que nesses futuros profissionais perpetuem as dúvidas e os preconceitos.

No campus onde foi realizada essa pesquisa, a realidade difere um pouco por existir disciplinas que abordam as discussões de gênero mesmo que de forma sutil, como as disciplinas “bases teóricas de enfermagem na saúde da mulher” e “enfermagem na saúde do homem” sendo criada de forma mais recente uma disciplina específica chamada “mulheres, saúde e diversidade” que aborda de forma direta as desigualdades de gênero, sendo essencial no processo formativo, porém ainda se encontra de forma optativa na grade curricular.

A fala do EF4 traz um cenário onde a relação de gênero acaba por interferir nos campos de trabalho e nas representações institucionais, tendo como exemplo da própria universidade. O estudo de Ambrosini (2017) traz que das 63 universidades federais do Brasil, somente 30,2% possuem reitoras mulheres, sendo este um cargo de liderança importante. Ainda seguindo essa ideia, a pesquisa de Tait, Feltrin, Souza (2020) expressa a tendência a “segregação horizontal” das mulheres nos cargos de liderança e maior prestígio, acontecendo até mesmo nos campos onde existe predominância feminina.

Além disso, essa falta do conhecimento necessário sobre as relações de gênero por parte dos professores acaba por perpetuar situações de violência de gênero na própria sala de aula, como é o caso denunciado na fala do EF4, onde o fenômeno denominado *broapriating*, já falado anteriormente, encontra espaço na fala da mulher acadêmica em sala de aula, contribuindo para desvalorização da voz feminina em um espaço que deveria ser contribuir para a desconstrução de desigualdades.

Por isso, ainda existe dificuldade para discutir gênero nas universidades, por estas estarem incluídas e fazerem parte de uma sociedade machista e patriarcal, terminando por reproduzir os valores desse sistema, se ausentando de cumprir o protagonismo que a mesma possui na transformação cultural e social, embora exista esforço por parte de alguns docentes, essas discussões ainda são limitadas devido ao padrão cultural e social em que estão inseridos (BENTO, 2017).

A falta de orientações por parte dos professores exposta pelo EM3 pode ser explicada através do estudo de Rossi e França (2020) que constata que muitos docentes ainda possuem receios e inseguranças para abordar a temática efetivamente na sala de aula, isso pode ser

explicado pela ausência da formação necessária sobre o assunto ou até mesmo pelos próprios estigmas, preconceitos e convicções particulares que podem ocasionar resistência.

Essas situações são apenas alguns dos reflexos encontrados devido às construções sociais de gênero, podendo afetar de diferentes formas. A fala do EF10 retrata um pouco da dificuldade do homem em uma profissão considerada feminina pela sociedade, corroborando com o estudo de Maurício, Marcolan (2016) com estudantes da graduação, identificando a dificuldade principalmente na área de ginecologia, como também o preconceito ao relacionar o enfermeiro à homossexualidade.

Diante disso, faz-se necessário que esses estereótipos de gênero sejam desconstruídos, com diálogos, reflexões no saber-fazer da enfermagem. É importante que disciplinas, eventos, reuniões fujam do padrão biológico, muitas vezes, dominante nos cursos de saúde, e tragam possibilidades de reflexões pautadas nas condições socioculturais da população e também da formação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstraram uma situação de desigualdade de gênero que se perpetua durante a graduação de enfermagem, associada ao estereótipo feminino. O processo de feminização da profissão existente se faz presente nesse estudo. Situações de preconceito, violência e dificuldades impostas pela sociedade ao gênero feminino são colocadas pelos estudantes, demonstrando uma situação desigual que se prolonga em diferentes âmbitos, porém a percepção sobre essas desigualdades é mais relatada pelas discentes mulheres, demonstrando que, os estudantes do sexo masculino ainda têm uma visão machista e estereotipada.

Além disso, nesse estudo foram encontradas situações de desafios institucionais, como a fragilidade dos docentes na desconstrução das desigualdades de gênero, muitas vezes fazendo com que a situação encontre continuidade.

Portanto, os resultados sinalizam para a necessidade de melhor preparação dos docentes, a fim de utilizar-se do campo universitário como local de transformação, combatendo estereótipos e contribuindo para uma igualdade de gênero na sociedade através do ensino.

Vale destacar algumas limitações que se fizeram presentes nesse estudo. O cenário pandêmico causado pela COVID-19 levou a realização da pesquisa por meio virtual que se apresenta como fator limitante devido dificuldade de captação de expressões e sentimentos. Além disso, o estudo se limita a um cenário local de uma cidade do interior da Paraíba com

suas particularidades socioculturais e regionais que podem influenciar nas opiniões coletadas. Sugere-se assim que estudos como estes se estendam a outros cenários, a fim de conhecer outras realidades.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. Imagens que não afetam: questões de gênero no ensino de arte desde a perspectiva crítica feminista e da cultura visual. **Anpap**, Rio Grande do Sul, p. 3927-3942. 2015. Disponível em: < http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/carla_de_abreu.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ALVES, B.M.; PITANGUY, J. O que é feminismo. Coleção Primeiros Passos. 1. Ed. E-book. **Editora Brasiliense**, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=bGkvDwAAQBAJ&lpg=PP1&hl=ptBR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 7 abr. 2020

ALVES, R.C.D.P.; SILVA, E.L.S. Universidade, gênero e sexualidade: experiências curriculares e formativas de estudantes não heterossexuais na UFRB. **Revista Gênero**. Niterói, v.17, n.1, p. 83 – 98, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31253/18342>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

AMBROSINI, A. B. “**A representação das mulheres como reitoras e vice-reitoras das universidades federais do brasil: um estudo quantitativo**”, XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária, Mar del Plata, 22-24 de novembro. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/181013>>, acesso 12 out 2021.

AZEVEDO, M. A.; SOUSA, L. D. Empoderamento feminino: conquistas e desafios. **SAPIENS Revista de Divulgação Científica**, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/Sps/article/view/3571>>. Acesso em: 14 set 2021.

BACKES, V.F.; THOMAZ, J. R.; SILVA, F. F. Mulheres docentes no ensino superior: problematizando questões de gênero na universidade federal do pampa. **Cad. Educação, Tecnologia e Sociedade**, Inhumas, v.9, n.2, p. 166-181, 2016. Disponível em: < <http://www.brajets.com/index.php/brajets/article/download/354/173>>. Acesso em: 7 de abr. 2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Almedina, São Paulo, fevereiro 2012.

BARROS, A.L.B.L. et al. **Processo de enfermagem: guia para prática**. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo, São Paulo: COREN/SP, 2015. Disponível em: < <https://portal.coren-sp.gov.br/sites/default/files/SAE-web.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

BENTO, B. Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos. **EDUFBA**, Salvador, 329 p. 2017. ISBN 978-85-232-1599-6. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26037/1/Transviadas-BereniceBento-2017-EDUFBA.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

BEZERRA, B. D. G.; FERREIRA, G. H. L. Divisão Sexual do Trabalho: rebatimentos da lógica patriarcal na vida das mulheres. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, p. 466-474, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7425>>. Acesso em: 14 set 2021.

BIROLI, F. Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil. 1ed. São Paulo: **Boitempo**, 2018.

BRASIL. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em: <http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012: aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília: Ministério da Saúde; 2012. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 8 mai. 2020.

CARDOSO, M.; FORNÉS-VIVES, J.; GILI, M. Implications of psychological harassment on witnesses: An observational study in nursing staff. **Enfermería Global**, v. 15, n. 2, p. 313-323, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301301712_Enfermeria_Global_Implications_of_Psychological_Harassment_on_Witnesses_An_Observational_Study_in_Nursing_Staff_Implicaciones_del_hostigamiento_psicologico_mobbing_sobre_los_testigos_Un_estudio_observ>. Acesso em: 27 abr. 2020.

CARLSSON, M. Self-reported competence in female and male nursing students in the light of theories of hegemonic masculinity and femininity. **Journal of Advanced Nursing**. 2020; 76 (1): 191–198. DOI: 10.1111/jan.14220. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jan.14220>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

CATANI, L. O.; SILVA, J. B. Políticas públicas contra o machismo como instrumento viabilizador de reconhecimento e efetivação da cidadania feminina. **Revista Húmus**, v. 7, n. 20, p. 33-54, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/6756/4835>>. Acesso em: 14 set 2021.

CERIBELI, H.B.; ROCHA, G.B.; PEREIRA, M.R. Mulheres em cargos de chefia: desafios e percepções. **Diálogo**, n. 36, p. 09-24, 2017. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/3738>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CISNE, M.; SANTOS. S. M. M. Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social. 1ed. São Paulo: **Cortez Editora**, 2018.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Pesquisa do perfil da enfermagem brasileira. COFEN, 2015.** Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-daenfermagem_31258.html>. Acesso em: 6 de abril de 2020.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Erotização da Enfermagem é desserviço às mulheres e estimula violência sexual.** COFEN, 2021. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/erotizacao-da-enfermagem-e-desservico-as-mulheres-e-estimula-violencia-sexual_93068.html>. Acesso em: 04 nov. 2021.

COLPO, J.C.; CAMARGO, V.C.; MATTOS, S.A. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. **Cogitare Enfermagem**. v. 11, n.1, 2006, p. 67-72. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/viewFile/5975/4275>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

COSTA, K. F. Homens na enfermagem: inserção, vivência e trajetória profissional. 2016. 196f. Dissertação (Mestrado em Gerenciamento em Enfermagem). **Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7140/tde-19052017-105839/publico/DISSERTACAO_MESTRADO_KLEBER_Corrigida.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2020.

COSTA, K.S.; FREITAS, G.F.; HAGOPIAN, E.M. Homens na enfermagem: formação acadêmica posterior à graduação e trajetória profissional. **Revista de enfermagem UFPE on line**, p. 1216-1226, 2017. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1032047>>. Acesso em: 14 set 2021.

CLEARLY, M., et al. Women in Health Academia: Power Dynamics in Nursing, Higher education and Research. **Journal of Advanced Nursing**; 2019; 75: 1371–1373. DOI: 10.1111/jan.13999. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/jan.13999>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

CUNHA, Y.F.F.; SOUSA, R. R. Gênero e enfermagem: um ensaio sobre a inserção do homem no exercício da enfermagem. **Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde**, v. 13 n. 3, 2016. Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/rahis/article/view/140-149>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

DIAS, J.M. Feminilização e (Des) valorização do Trabalho das Mulheres: Papeis de Gênero e Neoliberalismo. **Cadernos de Relações Internacionais/PUC–Rio**, v. 2, 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35213/35213.PDFXXvmi>>. Acesso em: 11 out. 2021.

GUGEL, S.C.R.; DUARTE, C.S.D.; LIMA, A.P.L. Valorização da enfermagem brasileira: analisando aspectos históricos e de gênero. **Nursing (São Paulo)**, v. 23, n. 264, p. 3930-3937, 2020. Disponível em: <<http://www.revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/693>>. Acesso em: 14 set 2021.

LIMA, G.H. A; SOUSA, M.A.S. Violência psicológica no trabalho de enfermagem. **Rev. Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 68, n. 5, p. 817-823, outubro de 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reben/v68n5/0034-7167-reben-68-05-0817.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

LIMA, J.B.Q. O poder masculino na esfera da universidade pública. **Sistema educativo, exclusión y desigualdad**, p. 1519, 2017. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-2013467790.pdf>>. Acesso em: 12 out 2021.

LOMBARDI, M.R.; CAMPOS, V.P.. A enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional. **Rev ABET**, v. 17, n. 1, p. 28-46, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/41162>>. Acesso em: 14 set 2021.

MAURÍCIO L.F.S., MARCOLAN J.F. O ser masculino em sofrimento psíquico no curso de enfermagem. **Revista de enfermagem UFPE online**, Recife, 10 (Supl. 6): 4845-53, dez., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/11264/12893>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

MIGUEL, L.F. Voltando à discussão sobre capitalismo e patriarcado. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis-SC, v.25, n.3, p.1219-1237, set/dez., 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v25n3/1806-9584-ref-25-03-01219.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

NEVES, M.O. A importância da investigação qualitativa no processo de formação continuada de professores: subsídios ao exercício da docência. **Revista Fundamentos**, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/fundamentos/article/view/3723/2186>>. Acesso em: 8 mai. 2020.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad1538f3aef538/Ebook%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2020.

PEREIRA, A. C. F; FAVARO, N. A. L. G. A história da mulher na educação e no magistério no Brasil. **Revista estudos do trabalho**. Paranaíba: Unespar, 2016. Disponível em: <http://www.estudosdotrabalho.org/x_sem2016/artigos/6A-06.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2020.

PEREIRA, J.G.; OLIVEIRA, M.A.C. Autonomia da enfermeira na Atenção Primária: das práticas colaborativas à prática avançada. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 31, p. 627-635, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0194201800086>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

PINTO, E. J. S.; CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 10, n. 22, p. 47-58, mai./ago. 2017. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/6173/pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

QUENGUAN, M. J.; BARBOSA, D. J. G. La necesidad de educar en perspectiva de género. **Educación**, San José, San Pedro, Montes de Oca, v. 44, n. 1, p. 490-508, Jun 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.sa.cr/pdf/edu/v44n1/2215-2644-edu-44-01-00490.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

REIS T. Manual de Comunicação LGBTI+. **Aliança Nacional LGBTI**, GayLatino, Curitiba, 2018. Disponível em: <<https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

RIBEIRO, J. **Pesquisa de marketing**. Senac, 2017.

RIBEIRO, D.F.S. et al. A identidade profissional da enfermeira na percepção de usuários da Atenção Básica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0974>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ROSSI, J.P.G.; FRANÇA, F.F. A metodologia WEBQUEST no contexto das questões de gênero: experiências de educadoras em debate. **Interfaces Da Educação**, v. 11, n. 32, p. 213-243, 2020. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4492>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

SAFFIOTI, H. Gênero, patriarcado, violência. 2ed. São Paulo: **Expressão Popular**, 2015.

SANTOS, J. S.; SILVA, R. N.; FERREIRA, M. A. Health of the LGBTI+ Population in Primary Health Care and the Insertion of Nursing. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, e20190162, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v23n4/pt_1414-8145-ean-23-04-e20190162.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez editora, 2017.

SILVA, G. W. S., et al. Sexual diversity and homophobia: knowledge of nurses from the family health strategy. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 3725-3739, jan. 2016. ISSN 2175-5361. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3942/pdf_1782>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SILVA, M.Z.; AMES, A.C.; GIORDANI, M.S. Discriminação salarial de gênero e a percepção dos agentes: análise na profissão de controller. **Revista Catarinense da Ciência Contábil**, v. 19, p. 12, 2020. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7552881>>. Acesso em: 29 nov 2021.

SILVEIRA, M. S. **Criminalização da LGBTfobia à luz do princípio da dignidade da pessoa humana**. 2018. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Direito). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184155>>. Acesso em: 7 abr. 2020.

SIQUEIRA, D. P.; SAMPARO, A. J. F. Os direitos da mulher no mercado de trabalho: da Discriminação de Gênero à Luta Pela Igualdade. **Revista Direito em Debate**, v. 26, n. 48, p. 287-325, julho/dezembro 2017. Disponível em: <<https://revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/7233>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

SOUZA, L.L. et al. Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. **Rev. Ciência & Cognição**, 2014; v.19, p.218-232. Disponível em:

<<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/908>>. Acesso em: 7 abr. 2020.

SOUSA, L. P.; GUEDES, D. R.. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, Ago. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v30n87/0103-4014-ea-30-87-00123.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

SOUZA, L.L.; PERES, W. S.; ARAÚJO, D. B. problematizações de gêneros no campo da enfermagem: diálogos com feminismos e a teoria queer. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 7, n. 13, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/690/604>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

STOCKER, P.C.; DALMASO, S.C. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. **Revista estudos feministas**, v. 24, p. 679-690, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p679>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

TAIT, M.M.; FELTRIN, R.; SOUZA, G. Brecha de género en la ciencia en tiempos del COVID-19: una visión general de Brasil. **Revista de estudios sociales de la ciencia y la tecnología**, v. 26, n. 51, p. 7, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.48160/18517072re51.49>>. Acesso em: 12 out 2021.

YANNOULAS, S. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em Torno de uma Categoria. In: *Temporalis*, Brasília, v. 11, n. 22, jul.-dez, 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4054571>>. Acesso em: 11 out. 2021.

ZANI, L. F.; TERRA, M. F. Conhecimentos sobre identidade de gênero e orientação sexual entre graduandos/as de enfermagem. **Journal Health NPEPS**, v. 4, n. 2, p. 167-179, jul-dez. 2019. ISSN 2526-1010. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3649/3352>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

TÍTULO DO PROJETO: “RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO
PROFISSIONAL: DESAFIOS NO CAMPO DA ENFERMAGEM”

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Alynne Mendonça Saraiva Nagashima

PESQUISADORA AUTORA: Samara Raquel de Sousa Rocha

INFORMAÇÕES INICIAIS:

SELECIONE SEU SEXO: () Feminino () Masculino

IDADE: _____ anos. CIDADE NATAL: _____

PERÍODO EM QUE SE ENCONTRA NO CURSO: _____

PERGUNTAS

1. Qual o seu conhecimento sobre gênero?
2. Para você, existe relação entre gênero e a enfermagem? Como você explica essa relação?
3. Há diferenças entre homens e mulheres no exercício profissional da enfermagem?
4. Você já presenciou situações onde essa diferença se mostrou evidente? Como se sentiu em relação a elas?
5. Descreva quais os obstáculos que você encontra enquanto mulher/homem para exercer a enfermagem durante a graduação.
6. Em sua concepção, existem situações proporcionadas pela graduação que perpetuam esses obstáculos?

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, ANAJÁS DA SILVA CARDOSO CANTALICE, coordenadora do curso de bacharelado em Enfermagem do Centro de Educação e Saúde, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: **“Relações de gênero na formação profissional: desafios no campo da Enfermagem”**, nesta instituição, que será realizada no ano de 2021, após a devida aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa, tendo como pesquisadora responsável: Profa. Dra. Alynne Mendonça Saraiva Nagashima e orientanda: Samara Raquel de Sousa Rocha.

Cuité - PB, _____ de _____ de 2021.

Anajás da Silva Cardoso Cantalice

Coordenadora do curso de bacharelado em Enfermagem do
Centro de Educação e Saúde - UFCG.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DO PROJETO: “RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: DESAFIOS NO CAMPO DA ENFERMAGEM”

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, portador da Cédula de identidade, RG _____ e inscrito no CPF _____, nascido (a) em ___ / ___ / ____, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo “Relações de gênero na formação profissional: desafios no campo da enfermagem”. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como a promessa dos esclarecimentos às dúvidas, por mim apresentadas durante o decorrer da pesquisa.

Estou ciente que:

- I) Esta pesquisa tem como benefício contribuir para reflexões para que haja transformação na práxis no campo da enfermagem e como toda pesquisa apresenta riscos, acredita-se que por se tratar de gênero, o tema pode gerar constrangimento nos participantes, porém o sigilo das informações é garantido pelas pesquisadoras e a colaboração é totalmente voluntária. Portanto, havendo qualquer incômodo, tenho o direito de interromper a minha participação sem que haja prejuízos a minha pessoa;
- II) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- III) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;

IV) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;

V) Caso deseje, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa. Estou ciente que receberei uma via deste termo de consentimento;

() Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VI) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP, do Hospital Universitário Alcides Carneiro – HUAC ou ao Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba.

Cuité - PB, _____ de _____ de 2020.

Entrevistado: _____

Testemunhas: _____

Polegar Direito

Alyne Mendonça Saraiva Nagashima
Pesquisadora Responsável

Samara Raquel de Sousa Rocha
Pesquisadora Autora

Endereço Profissional: Universidade Federal de Campina Grande-Campus, Centro de Educação e Saúde. Olho D'Água da Bica S/N, CEP: 58175-000 – Cuité, PB – Brasil. Telefone: (83) 33721900 ou (83) 9.99716838.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP, Hospital Universitário Alcides Carneiro – HUAC. Rua. Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, Campina Grande – PB. Telefone. (83) 2101 – 5545. E-mail. cep@huac.ufcg.edu.br

ANEXO III

TERMO DE COMPROMISSO DE DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS

Por este termo de responsabilidade, nós, abaixo – assinados, respectivamente, orientador e orientando da pesquisa intitulada “Relações de gênero na formação profissional: desafios no campo da enfermagem” assumimos o compromisso de:

- I) Preservar a privacidade dos participantes da pesquisa cujos dados serão coletados;
- II) Assegurar que as informações serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto em questão;
- III) Assegurar que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- IV) Assegurar que as informações somente serão divulgadas de forma anônima, não sendo usadas iniciais ou quaisquer outras indicações que possam identificar o sujeito da pesquisa;
- V) Assegurar que os resultados da pesquisa serão encaminhados para a publicação, com os devidos créditos aos autores.

Cuité - PB, _____ de _____ de 2020.

Orientadora

Orientando

ANEXO IV

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RELAÇÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: DESAFIOS NO CAMPO DA ENFERMAGEM

Pesquisador: Alynne Mendonça Saraiva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 44435021.5.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.629.358

Apresentação do Projeto:

O pesquisador descreve que as relações de gênero são construídas em sociedade, onde se define o que deve ser atribuição feminina ou masculina e embora existam evoluções em diferentes aspectos ainda é possível observar que muitas dessas construções persistem até os dias de hoje, influenciando nas profissões e na sua prática profissional, incentivando divisão de poderes no trabalho, em que determinados gêneros são prejudicados ou beneficiados. O ambiente universitário como lugar de formação de pessoas se torna importante para reforçar o debate e desconstruir esses estereótipos desde a graduação. Assim, objetiva-se com a pesquisa compreender a percepção dos estudantes de enfermagem sobre as relações de gênero e formação profissional. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva, exploratória, respaldada pelo método de Análise de Bardin, que se propõe a contribuir para o desenvolvimento no campo da enfermagem.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador relaciona como objetivos:

Objetivo Primário:

- Compreender a percepção dos estudantes de enfermagem sobre a relação entre gênero e formação profissional.

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 4.629.358

Objetivo Secundário:

- Identificar os obstáculos encontrados pelos estudantes de enfermagem durante a formação profissional sob a perspectiva de gênero;
- Conhecer a concepção dos estudantes sobre a influência das relações de gênero durante o processo de formação teórico-prático do curso de Enfermagem.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador descreve:

Riscos:

Como toda pesquisa apresenta riscos, acredita-se que os participantes possam ficar constrangidos, já que gênero, ainda é um assunto permeado de tabus. No entanto, as pesquisadoras se comprometem que o anonimato será preservado e a participação não será obrigatória, descartando assim possíveis desconfortos. Qualquer participante terá o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento sem ônus.

Benefícios:

A pesquisa se propõe a contribuir para reflexões para que haja transformação na práxis no campo da enfermagem, principalmente no que diz respeito as relações de gênero.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa denota relevância por propor revelar em que situações as relações de gênero podem dificultar o ensino aprendizagem no campo da Enfermagem.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados ao sistema:

- Projeto completo
- Termo de compromisso dos pesquisadores
- Termo de compromisso Livre Esclarecido (TCLE)
- Folha de rosto
- Orçamento
- Cronograma
- Termo de Anuência Institucional
- Instrumento de coleta de dados

Endereço: Rua Dr. Carlos Chagas, s/ s

Bairro: São José

CEP: 58.107-670

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)2101-5545

Fax: (83)2101-5523

E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 4.629.358

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem inadequações éticas para o início da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1632056.pdf	11/03/2021 20:23:58		Aceito
Outros	termoanuencianovo.pdf	11/03/2021 20:23:44	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaopesquisadores.pdf	11/03/2021 20:21:47	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEcep.doc	31/01/2021 21:42:44	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetocep.doc	31/01/2021 21:37:03	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito
Folha de Rosto	FRAlynne.pdf	31/01/2021 21:34:30	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 05 de Abril de 2021

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br